

## Pentecostalismo na IECLB\* - Precedentes Ignorados: Um Estudo de Caso\*\*

Por Adriana Weege\*\*\*

### Resumo:

Atualmente, na IECLB, muito tem se falado no reavivamento ou renovação espiritual, em dons do Espírito Santo, em curas milagrosas, em “libertação” da ação demoníaca e uma infinidade de outras bênçãos que são derramadas sobre os “renovados”. O quadro religioso que a IECLB está vivendo é muito bem refletido na introdução do caderno “IECLB no Pluralismo Religioso”, com as palavras do P. Dr. Gottfried Brakemeier, proferidas na “Conferência Luterana sobre o Espírito Santo”, em Ivoti/RS, em novembro de 1999: “A religiosidade está em alta, a religião está em baixa”. A partir destas manifestações carismáticas surgem diversas discussões, conflitos de fé e de interesses que mexem com as estruturas da Igreja como a conhecemos.

### Palavras-chave:

Pentecostalismo, IECLB, Pluralismo religioso

### Introdução

Atualmente, na IECLB, muito tem se falado no reavivamento ou renovação espiritual, em dons do Espírito Santo, em curas milagrosas, em “libertação” da ação demoníaca e uma infinidade de outras bênçãos que são derramadas sobre os “renovados”. O quadro religioso que a IECLB está vivendo é muito bem refletido na introdução do caderno “IECLB no Pluralismo Religioso”, com as palavras do P. Dr. Gottfried Brakemeier, proferidas na “Conferência Luterana sobre o Espírito Santo”,

---

\* IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

\*\* O presente trabalho foi apresentado originalmente como uma monografia, no segundo semestre de 2001, sob a orientação do Prof. Dr. Oneide Bobsin, na Faculdade de Teologia da IECLB, onde a autora cursa o bacharelado em teologia.

\*\*\* Quero agradecer aos membros da Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo de Arroio do Padre, pela boa vontade que demonstraram em contribuir com seu tempo e conhecimento que muito colaboraram para que este estudo acontecesse. Agradeço de forma especial ao pastor emérito Wilfried Hasenack por sua valorosa ajuda na pesquisa histórica e ao meu noivo Emerson por seu apoio e paciência.

em Ivoti/RS, em novembro de 1999: “A religiosidade está em alta, a religião está em baixa”.

Experiência religiosa, com emoção, afeto e, preferencialmente, com cura, está em alta, novos movimentos religiosos com características neopentecostais e orientais proliferam. Há em nosso meio um impressionante e crescente pluralismo religioso. Parece que as igrejas históricas ainda ou novamente interessam as massas à medida que correspondem a essas expectativas. Eis por que o movimento carismático, ou como for denominado, perpassa todas as igrejas históricas.<sup>1</sup>

A partir destas manifestações carismáticas surgem diversas discussões, conflitos de fé e de interesses que mexem com as estruturas da Igreja como a conhecemos. No lugar dos símbolos tradicionais da Igreja são colocados guitarras e baterias sem o consentimento de toda a comunidade, transformando o culto em um grande *show*, pastores/as que oficiam o culto sem as vestes litúrgicas da igreja e que tentam imitar desajeitadamente pregadores das igrejas pentecostais e neopentecostais, membros que se sentem embaraçados com manifestações de possessão demoníaca ou com rebatismo<sup>2</sup>. Ocorrem constantemente troca de acusações entre pastores/as que lideram alas reavivadas, leigos, movimentos e Igreja, enquanto a membresia sofre sob um fogo cruzado.

Recentemente veio a público esta discussão, através dos folhetos “Que Igreja queremos?” do Movimento Encontrão (ME) e “Resposta da Comunhão Martin Lutero ao manifesto que Igreja queremos?”, da Comunhão Martin Lutero (CML), que demonstram um pouco do furor que avassala a IECLB. Grande é a confusão na mente do povo que, sem dúvida, é o maior prejudicado, pois não sabe a que Igreja pertence e vê seus irmãos na fé se digladiando em nome da mesma.

Muitas vezes tenta-se localizar a origem dessa “renovação”, ou até dessa “onda carismática/pentecostal” na IECLB. Muitos a atribuem ao ME. Contudo, o

---

<sup>1</sup> Cf. IECLB no Pluralismo Religioso, Caderno 2, p.5.

<sup>2</sup> Cf. IECLB no Pluralismo Religioso, Caderno 2, p.10.

presente trabalho quer servir de subsídio para mostrar que tendências pentecostais/pentecostalizantes e “anticonfessionais”, estão presentes na atual IECLB desde os primeiros tempos da organização dos sínodos, principalmente, no início do século XX. O presente trabalho tem por objetivo estudar os precedentes ignorados do pentecostalismo na IECLB, isto é, as supostas raízes do pentecostalismo na nesta Igreja.

Entre os precedentes ignorados, menciono o caso da Igreja Evangélica Pentecostal Independente, que surge no ano de 1936, no interior de Pelotas/RS, a partir de uma comunidade evangélica filiada ao então Synodo Riograndense. Essa Igreja surge a partir de sete famílias fortemente influenciadas pelas pregações do pastor da época, Otto Jüdler. As inflamadas pregações do pastor contra o sistema da sociedade pomerana, e seus valores, e que convocava constantemente os membros ao arrependimento, conseguiu respaldo em meio a um povo, em um contexto e em uma época que é de causar grande estranheza a muitos. A partir de dados históricos e de uma análise sociológica dos contextos maiores e menores como local, situação sócio-econômica, personagens e origem e cultura destes, tentaremos responder a uma pergunta básica para a compreensão da origem da Igreja Evangélica Pentecostal Independente (IEPI), em Arroio do Padre, na época, interior de Pelotas/: Por que surge na década de 30, no interior de Pelotas, em um meio rural, predominantemente pomerano, tradicionalmente luterano, uma igreja pentecostal? Na medida que tentarmos responder a esta pergunta, tentaremos, também, encontrar respostas para a atual situação da IECLB, na região, e traçar perspectivas de atuação, para que essa Igreja seja Igreja de Jesus Cristo e não uma igreja comparada a “um barco que está à deriva”<sup>3</sup>.

Neste estudo, de um modo geral, por vezes, utilizaremos linguagem metafórica, com elementos da agricultura, inspirados nos elementos comuns aos

---

<sup>3</sup> Cf. IECLB no Século XXI: perfil e proposta.

protagonistas: a vida do povo de Arroio do Padre II e ao trabalho do “Semeador”, pastor Otto Jüdler.

## I — Algumas raízes do pentecostalismo na IECLB

Esta parte quer servir de subsídio histórico, para uma melhor compreensão do surgimento da IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL INDEPENDENTE (IEPI), em 1936, na localidade de Arroio do Padre, então município de Pelotas/RS.

O estudo propriamente dito da IEPI se dará, a partir de vários contextos, maiores e menores, e de personagens, numa tentativa de compreender o fenômeno social que contribuiu para o surgimento do pentecostalismo em um meio rural, tradicionalmente pomerano e luterano. Começaremos com um contexto maior, o MOVIMENTO DE REAVIVAMENTO (MR), na Alemanha. Compreendemos que este é o primeiro “chão” que devemos pisar, a fim de localizar algumas “raízes” da piedade que veio a influenciar o povo de Arroio do Padre, pois, como veremos adiante, um dos protagonistas do episódio de surgimento da IEPI, o pastor Otto Jüdler, teve sua vida influenciada por este movimento.

### *1 - Movimento de Reavivamento Alemão<sup>4</sup> - Primeiro chão*

O Movimento de Reavivamento (MR), do qual falamos aqui, foi um movimento surgido na Alemanha, entre o final do século XVIII e o princípio do século XIX, a fim de se opor às correntes filosóficas do Iluminismo e do Idealismo, no intuito de “reavivar” a experiência pessoal com Deus.

---

<sup>4</sup> Foi adotada como literatura básica a tese de doutorado em teologia de Wilhelm Wachholz, “**Atravessem e ajudem-nos**”, defendida no IEPG (Instituto Ecumênico de Pós-Graduação), em São Leopoldo, no ano de 1999, pois esta oferece grande número de informações a respeito do tema em língua portuguesa, uma vez que a maior parte das publicações sobre este tema se encontra em língua alemã.

O MR pode ser considerado um movimento de múltiplas apresentações e, como tal, possui várias características. Merecem destaque:

- a) Retorno à mística, ao irracional, às coisas ocultas, inclusive ao sonambulismo e magnetismo<sup>5</sup>;
- b) Demonstrou forte tendência nacionalista, principalmente após o período Napoleônico<sup>6</sup>;
- c) Ênfase em temas como morte, inferno, juízo final<sup>7</sup>;
- d) Diferenciação entre “crentes” e “não-crentes”<sup>8</sup>;
- e) Forte pregação contra o álcool, a jogatina, a dança, a superstição e prostituição<sup>9</sup>;
- f) As pessoas precisam se reconhecer pecadoras, se converter para Cristo e se afastar das coisas mundanas, isto é, nascer de novo<sup>10</sup>;
- g) Supervalorização da experiência emocional e subjetiva<sup>11</sup>.

O MR quer “acordar” as pessoas do “sono” do pecado; las precisam ser reavivadas diante do Juízo de Deus, por isso, reavivamento é: 1º) uma experiência individual e pessoal; 2º) uma experiência intra-cristianismo, ou seja, é um reavivamento de um cristianismo rotineiro e habitual, para um cristianismo efervescente e de uma fé piedosa, e; 3º) reavivamento deve tornar-se visível através de frutos (caridade, diaconia), a Palavra de Deus impulsiona a servir<sup>12</sup>.

No MR alemão existiram três correntes teológicas que foram as seguintes:

---

<sup>5</sup> Cf. Wilhelm WACHHOLZ, “Atravessem e ajudem-nos”, p. 39.  
<sup>6</sup> Cf. Wilhelm WACHHOLZ, “Atravessem e ajudem-nos”, p. 42.  
<sup>7</sup> Cf. Wilhelm WACHHOLZ, “Atravessem e ajudem-nos”, p. 52.  
<sup>8</sup> Cf. Wilhelm WACHHOLZ, “Atravessem e ajudem-nos”, p. 55.  
<sup>9</sup> Cf. Wilhelm WACHHOLZ, “Atravessem e ajudem-nos”, p. 58.  
<sup>10</sup> Cf. Wilhelm WACHHOLZ, “Atravessem e ajudem-nos”, p. 55.  
<sup>11</sup> Cf. Wilhelm WACHHOLZ, “Atravessem e ajudem-nos”, p. 59.  
<sup>12</sup> Cf. Wilhelm WACHHOLZ, “Atravessem e ajudem-nos”, p. 48.

- a) A corrente biblicista retomou a questão da inspiração divina. Era contra tendências confessionais e tinha suas raízes na teologia pietista, do século XVIII, de Württemberg.
- b) A segunda corrente é a emocional, que busca experiência pessoal e sua característica é o reconhecimento do pecado e da graça. Esta corrente foi a mais representativa no MR.
- c) A terceira corrente é a confessional que valorizava a teologia luterana e veio a ser forte opositora ao Iluminismo e à União das igrejas em 1817. O surgimento desta corrente tem forte ligação com a fusão do pietismo e da ortodoxia que ocorreram no MR.

O MR, de fato, tornou-se um movimento graças à SOCIEDADE ALEMÃ DE CRISTIANISMO (SAC), fundada por Johann August Ursperger, em 1780, em Basileia/ Suíça. Antes da fundação da SAC existiam grupos isolados de pastores carismáticos e despertados da fé, porém a partir da SAC houve uma interligação entre estes grupos através de correspondências e material literário missionário. O caráter da SAC era basicamente interconfessional e tinha o objetivo de reunir crentes que viviam a fé bíblica. O MR alemão buscou inspiração no MR inglês (que veio a se tornar o metodismo no século XVIII). Esta inspiração percebe-se na fundação de sociedades missionárias em contexto alemão, na medida em que eram fundadas sociedades missionárias no exterior e em especial na Inglaterra. Contudo, o grande modelo de atuação, possivelmente, tenha sido a Sociedade Missionária de Basileia. Desde cedo, o MR se preocupou com a missão interna e externa, missão entre o próprio povo e entre os não-cristãos.

## *2 – Migração do MR - “Sementes ao vento”*

Na história do MR, fato interessante é a migração e/ou emigração deste, desde seus primeiros anos de surgimento. Transcreveremos abaixo, parte do texto de

Wilhelm Wachholz, de sua tese de doutorado, “Atravessem e ajudem-nos”, por considerarmos este trecho importante para a compreensão da migração do MR.

A derrota de Napoleão em Moscou diante do jovem czar Alexandre I fez surgir uma piedade e uma teologia que em grande parte preparou, influenciou e estimulou o MR.[...] Entre os três monarcas que derrotaram Napoleão, Alexandre I passou a ser visto e saudado entusiasticamente como czar-messias, o imperador-messias. A Rússia passou a ser anunciada, nas pregações de Jung-Stilling, como lugar de abrigo e refúgio dos piedosos. Mais do que isso, ele pregou a Rússia como o lugar de instalação do reino milenar na terra. O anúncio de tal profecia atraiu especialmente agricultores de Württemberg que estavam descontentes com os governantes e pastores racionalistas e lutavam contra as mudanças de cunho racional introduzidas na agenda de liturgia e no hinário. Muitos emigraram para a Rússia. [...] Os primeiros missionários formados pelo Seminário de Missão de Basiléia, fundado em 1816, foram enviados para a mesma direção.<sup>13</sup>

O MR, de acordo com Wachholz, “tornou-se um movimento ‘ecumênico’ que se uniu sobretudo através de laços de edificação espiritual e no trabalho missionário e de assistência aos emigrados no exterior”<sup>14</sup>, e neste papel foi um cumpridor assíduo, inclusive em Arroio do Padre.

### *3 – Igreja Evangélica Pentecostal Independente de Arroio do Padre - A “semente” que germinou no segundo chão*

O que é e onde fica Arroio do Padre II? Arroio do Padre, hoje é um dos mais jovens municípios do Rio Grande do Sul e até bem pouco tempo era o décimo distrito do município de Pelotas; por essa razão, trataremos o contexto sócio-cultural e político desta localidade. A comunidade e paróquia da IECLB deste referido município mantiveram o nome de Arroio do Padre II, uma vez que existe a Comunidade Evangélica de Arroio do Padre I, uma “Freigemeinde” (comunidade livre ou independente), muito comum na região sul.

---

<sup>13</sup> Wilhelm WACHHOLZ, “Atravessem e ajudem-nos”, p. 38.

<sup>14</sup> Wilhelm WACHHOLZ, “Atravessem e ajudem-nos”, p. 118.

A comunidade Evangélica de Arroio do Padre II teve sua origem a partir da imigração alemã/pomerana em meados do século XIX. De acordo com a crônica histórica da comunidade de Arroio do Padre<sup>15</sup>, os primeiros imigrantes pomeranos chegaram possivelmente à colônia de Arroio do Padre (AP), na década de 1870. A fundação da comunidade data de 1882 e, até o ano de 1900, quando entrou em contato com o Synodo Riograndense, esta foi uma comunidade independente, atendida por professores que exerciam funções pastorais, os “freipfarrer”.

A Comunidade Evangélica de Arroio do Padre II possui em sua história muitas peculiaridades, desde a perseguição sofrida pelo uso da língua alemã até a atuação de um pastor identificado com o nazismo, contudo, talvez, a maior peculiaridade seja a de ser a igreja-mãe da IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL INDEPENDENTE (IEPI).

#### *4 – Pelotas nos anos 30 - Segundo chão com um “adubo” especial*

Pelotas, desde 1929 vive um drama econômico seríssimo devido, em grande parte, à crise da Bolsa de Nova Iorque. Com a queda desta em setembro de 1929, as finanças do Estado entram em um período delicado e instável, abalando o jovem Banco do Rio Grande do Sul, o tradicional Banco Pelotense e levando à falência do Banco Popular<sup>16</sup>.

Mesmo Pelotas, a “Princesa do Sul”, sendo a cidade da “aristocracia do sebo”, que jamais cedeu espaço aos teuto-brasileiros<sup>17</sup> sofreu, pois o Banco Pelotense, criado em 1906, e formado a partir do capital dos criadores, dos charqueadores e do

---

<sup>15</sup> O documento “Crônica Histórica de Arroio do Padre II” é uma produção da própria comunidade, organizada por membros, não se enquadrando em regras metodológicas, inclusive faltando paginação. O referido documento está baseado em documentos de prestação de contas das atividades da comunidade, feitos pelos pastores, ao Synodo Riograndense de várias épocas, o que o torna, algumas vezes, tendencioso.

<sup>16</sup> Cf. Sandra Jatahy PESAVENTO, *RS: A economia e o poder nos anos 30*, p. 68.

<sup>17</sup> Cf. Jean ROCHE, *A colonização alemã e o Rio grande do Sul*, v. 2, p. 192.

comércio e indústria da área de imigração alemã e italiana<sup>18</sup>, veio a falir e fechar suas portas em 6 de janeiro de 1931, após retirada de investimentos do Estado, em função do Banco do Rio Grande do Sul<sup>19</sup>.

Inicia também nesta época a campanha de Nacionalização do Brasil, promovida pelo então presidente Getúlio Vargas, em que as escolas deviam alfabetizar na língua pátria. Isto, obviamente, gerou grandes problemas nas colônias alemãs, uma vez que as escolas eram comunitárias e os professores tinham como idioma o alemão, conhecendo praticamente apenas o português “falado” para o comércio. Muitas escolas foram municipalizadas e ganharam professores/as brasileiros/as, ou foram fechadas, pois não tinham como manter estas sem professores/as que soubessem português<sup>20</sup>. Neste período, o governo do estado do Rio Grande do Sul intensifica campanhas que objetivam a propagação da língua portuguesa e dificultam o acesso ao serviço público; os teuto-brasileiros são tratados como estrangeiros<sup>21</sup>. Outras colônias, como a francesa, por exemplo, não tiveram problemas como estes enfrentados pelos alemães, pois logo que se estabeleceram na região, adotaram o idioma português como língua pátria integrando-se na cultura da região<sup>22</sup>.

## *5 - O bom sementeiro, a boa semente e a boa terra*

Carlos Otto Alfredo Jüdler nasceu no dia 20 de janeiro de 1889, em Hochdorf Horb, Württemberg, Alemanha. Sua formação teológica deu-se na Basel Missionshaus (Casa de Missão de Basileia), fundada a partir do MR, entre os anos de 1908 e 1914. Recebeu sua ordenação em 19 de Julho de 1914. Serviu na I Guerra por quatro anos e

---

<sup>18</sup> Cf. Sandra Jatahy PESAVENTO, **RS: A economia e o poder nos anos 30**, p. 68.

<sup>19</sup> Cf. Sandra Jatahy PESAVENTO, **RS: A economia e o poder nos anos 30**, p. 69.

<sup>20</sup> Cf. Telmo Lauro MÜLLER, **A nacionalização e a escola Teuto-Brasileira Evangélica**, p. 70.

<sup>21</sup> Cf. Rodrigo Severo RODEMBUSCH, **Argumentos do ódio, o jornalismo alemão no Rio Grande do Sul nas décadas de 30 e 40**, p. 37.

<sup>22</sup> Cf. **Diário Popular**, n. 111, 28/01/2001.

meio. Em seguida, atuou na missão interna “Gemeinschaftspfleger” por cinco anos em Caunstatt-Stuttgart e um ano a serviço do Estado na Secretaria de economia<sup>23</sup>.

Otto Jüdler iniciou oficialmente seu trabalho em Arroio do Padre II, em 1º de julho de 1927, como pastor e professor. De acordo com a Crônica histórica de AP II, Jüdler era de opinião que “ a comunidade não se expressava como comunidade no sentido Cristão, mas tão somente como comunidade religiosa. Todos os homens da comunidade, exceto o senhor Gustavo Krüger, eram associados à Sociedade de Tiro ao Alvo de APII”<sup>24</sup>.

No final de 1930, o pastor Otto, funda o Grupo Evangélico de Juventude de AP II, que era misto. Abaixo, transcreveremos um pequeno trecho da Crônica Histórica, por considerarmos este de suma importância para a compreensão do nascimento da IEPI:

1931- Graças a Deus, o ano em curso foi exitoso no guiar do bom termo os fatos, assim, vários membros da comunidade confiaram a sua vida nas mãos de Deus. Com este procedimento, recomeçou um novo despertar na comunidade, o qual promete expandir-se a contento na fé cristã. Jesus Cristo permanece na figura central para eles (doze famílias destacam-se em decidir-se fielmente por Jesus Cristo) [...] Geralmente de quatorze em quatorze dias realizava-se na igreja um encontro familiar [...] Além desses encontros, realizam-se reuniões em casas de família, sempre aos domingos à tarde, com a intenção de seguir o Oxford- Movimento sob orientação do pastor Otto Jüdler.

Entre os anos de 1932 e 1934 surgem as divergências na comunidade de AP II, que mais tarde, vêm a contribuir com o êxodo de algumas famílias e o surgimento da IEPI. As divergências, de acordo com os membros entrevistados da IEPI (atualmente uma congregação da Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo- IEPBC) surgem, a partir do momento em que o presidente da comunidade ocupa, concomitantemente, a presidência da Sociedade de Tiro ao Alvo e a presidência da comunidade. Os cultos aos domingos à tarde eram prejudiciais às reuniões da

---

<sup>23</sup> Cf. Anexo VII.

<sup>24</sup> Trecho transcrito da “Crônica Histórica de Arroio do Padre II”.

sociedade<sup>25</sup>. Os conflitos são entre a “maioria:” (dentre eles o presidente da comunidade) e “a minoria”, juntamente com o pastor Jüdler. Estes conflitos de “interesses” chegam a tal ponto que acontece a intervenção do presidente regional, pastor Alfredo Simon, em uma assembléia extraordinária, reunindo as duas facções e o pastor Jüdler. Após várias queixas e discussões, a permanência do pastor se tornou impossível. A facção em minoria ainda insistia: “Nós não queremos outro pastor senão o pastor Otto Jüdler”<sup>26</sup>.

Otto Jüdler foi atuar na Comunidade São João, no centro de Pelotas. O seu sucessor foi o pastor Heinrich Möhle que ficou expressamente proibido, pela “maioria”, de continuar a forma de trabalho iniciada pelo pastor Otto, sob ameaça, por parte dessa “maioria”, de desligamento da comunidade de APII do Synodo Riograndense. Enquanto isso, a “minoria” se afasta paulatinamente da vida “comunitária”, continuando a se reunir em casas de família. A medida em que vão se afastando da vida “comum”, vão crescendo as discussões e os desentendimentos entre a “minoria” e o novo pastor. Surgem muitas discussões teológicas, por exemplo, em torno da validade do batismo de crianças.

A versão da “minoria” chega até nós de forma oral e “apaixonada” e, também, de forma escrita, contudo “enxuta”, através do seu livro Ata.

Após várias contendas e pressões por parte da “maioria” que não queria aceitar Jesus, o senhor Roberto Krüger e mais sete membros do Coro Masculino, assinaram seu desligamento deste. Depois da partida do pastor Otto Jüdler, a “minoria” simplesmente não foi mais à comunidade e as reuniões aconteciam nas casas. Uma escola começou a funcionar na casa do senhor Roberto Krüger, sendo este o professor. Em 1938, começam as construções da escola no terreno doado pelo senhor Gustavo Krüger. O agricultor Roberto Krüger além de ser o professor, assume também as funções pastorais da SOCIEDADE EVANGÉLICA DA PICADA

---

<sup>25</sup> Cf. Anexo I.

<sup>26</sup> Cf Alfredo COSWIG, *Crônica Histórica de APII*.

BISMARCK, mantenedora da ESCOLA PARTICULAR RIO BRANCO E DA IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL INDEPENDENTE, a partir da data de primeiro de julho de 1936<sup>27</sup>. A partir da fundação da escola, seguiu-se a construção do cemitério e do templo da comunidade<sup>28</sup>. A centralização na imagem do pastor, este personalismo veio a ser, como em outras igrejas pentecostais<sup>29</sup>, motivo de instabilidade e fracionamento da IEPI.

Conforme os depoimentos, o pastor Krüger não queria que a “obra se perdesse”, por isso, escolheu como seu sucessor o seu genro, e, para que a IEPI não se isolasse, entrou em contato com a Igreja Evangélica Pentecostal “O Brasil para Cristo”. O procedimento da fusão das duas igrejas vemos no livro Ata, da IEPI<sup>30</sup>.

Como já diz a sabedoria popular, não se pode agradar a “gregos e troianos”. Houve um grupo insatisfeito com a “sucessão” do pastorado. Este grupo insatisfeito queria outro sucessor que não fosse da “situação”. Ao não conseguirem respaldo, deixaram a IEPI e, não muito distante geograficamente desta, começaram um núcleo da IGREJA PENTECOSTAL DO MINISTÉRIO DA ÚLTIMA HORA, sob a liderança do pastor que o grupo queria.

O pastor Otto Jüdler jamais abandonou “seus discípulos”, pois manteve correspondência com estes entre os anos de 1934 e 1947, incluindo uma prédica, o que permitiu que estes se mantivessem “firmes na fé” e “perseverando na obra”<sup>31</sup>. Através dessa forma de trabalho do pastor Otto, podemos perceber claramente que este é fruto do MR, pois manteve contato e mandou material literário para a formação teológica destes.

Cabe ainda ressaltar, como um fato pitoresco, que o MR não chegou até APII somente através do pastor Otto Jüdler, mas também por um meio secundário: através

---

<sup>27</sup> Cf Anexo II; Livro Atas, p. 1.

<sup>28</sup> Cf. Anexo III.

<sup>29</sup> Cf. Gottfried BRAKEMEIER, *Um novo modo de ser IECLB?*, p. 52.

<sup>30</sup> Cf. Anexo II, Livro Atas, p. 53 e 54.

<sup>31</sup> Cf. Anexo V.

da migração. Após a atuação do pastor Jüdler e do processo de fundação da IEPI, chegam a APII alguns imigrantes teuto-russos, que fugiam do sistema opressor do Estado comunista perseguidor da religião. Eram crentes pentecostais, possivelmente fruto do MR na Rússia, e que se uniram a IEPI.

Pode-se perceber, a partir de leves traços históricos, a confirmação de uma tendência entre as igrejas pentecostais: o fracionamento. A IEPI surgiu através de desentendimentos com a “igreja-mãe” e tornou-se também uma “igreja-mãe”. Ressaltamos ainda que mesmo tendo rompido oficialmente com os valores e o modo de vida do povo pomerano, a IEPI manteve a estruturação das igrejas evangélicas luteranas da região, inclusive a discussão em torno da sucessão pastoral. Estes aspectos queremos estudar mais a fundo no próximo ponto.

## II – IEPI - uma Igreja que cresce e aparece

Com o “chão” bem preparado para o estudo da IEPI, a partir de nuances apresentadas do contexto histórico e outras influências, a partir da perspectiva dos relacionamentos entre “os crentes” e a vizinhança e, é claro, aspectos do povo pomerano, pretendemos, neste segundo momento do trabalho, partir para uma análise sociológica, na tentativa de responder à pergunta inicial do trabalho e que não quer calar: Por que surge na década de 30, no interior de Pelotas, em um meio rural, predominantemente pomerano, tradicionalmente luterano, uma igreja pentecostal? Nesta perspectiva partimos, em um primeiro momento, para um estudo do povo pomerano, sujeitos e, de uma certa forma, agentes do episódio de APII.

### *1 - O Povo pomerano: cultivadores e cultivados*

Na história do povo pomerano, estes sempre tiveram que se adaptar a novas realidades políticas. Mudaram constantemente de “patrões”, sofreram diversas

invasões e, até mesmo em tempos mais remotos, uma cruzada<sup>32</sup>. O povo pomerano foi muito mais sujeito do que agente de sua história. Isto resultou, por sua vez, num pomerano que é “desconfiado” e “cuidadoso”, profundamente conservador e tradicional, resistente a novas propostas<sup>33</sup>. Apesar de atualmente evidenciarem-se mudanças de papéis e valores na sociedade pomerana, muita coisa continua como a sessenta anos atrás.

Entre os pomeranos, especialmente entre os homens, raramente ocorrem demonstrações de afetividade, principalmente em público, por qualquer membro da família ou amigos<sup>34</sup>. Neste sentido, entra um pensamento muito comum entre o pomerano: “Tem coisas que ninguém precisa saber”, ou ainda, “Tem coisas que não precisam ser faladas”.

Na realidade do interior, a responsabilidade masculina está centrada na manutenção econômica da família. Este não auxilia nos afazeres domésticos, não tem responsabilidade na educação dos filhos e, muitas vezes, acaba por manter um relacionamento de poder e comando ao invés de amizade. Papel da mulher é a realização de todo trabalho doméstico, cuidado dos filhos, trato dos animais, ordenha, corte de lenha, cuidado da horta e jardim, além é claro, do trabalho na lavoura ao lado do marido. Aos fins de semana, enquanto a mulher exerce suas funções, o homem vai até a venda fazer compras, jogar bocha ou baralho<sup>35</sup>, evidentemente quando estes não têm uma atividade social.

Entre os pomeranos perdura um forte sentimento de solidariedade entre os vizinhos, pois estes são aqueles que em horas boas ou ruins estão prontos a ajudar, seja em casamentos, matança de animais ou em casos de doença e morte.

A religiosidade deste povo é algo marcante. André Droogers assim a caracteriza:

---

<sup>32</sup> Cf Martin N. DREHER, *A Igreja no Mundo Medieval*, p. 60.

<sup>33</sup> Cf. Helmar Reinhard RÖLLKE, *Descobrendo Raízes*, p. 89.

<sup>34</sup> Cf. *Os Pomeranos*, p. 65.

<sup>35</sup> Cf. *Os Pomeranos*, p. 64.

[...] é a vivência religiosa elaborada, no decorrer da história, por leigos, orientados por sua posição social e atuando fora do controle do clero e da instituição da Igreja. Esta religiosidade possibilita um contato direto com o sagrado, sem a intermediação do sacerdotes.<sup>36</sup>

Nesta forte idéia de separação do mundo sagrado e profano, as doenças dos seres humanos e animais, são causadas pelo diabo ou por pessoas mal intencionadas, através de “mau-olhado” ou “feitiçarias”. Acredita-se que esse “mal” que é causado pelas pessoas ou pelo diabo podem ser curadas ou até evitadas através de simpatias, rezas, benzeduras e encantamentos<sup>37</sup>. Estas “fórmulas” procuram dar um toque cristão-religioso, ao serem “rezadas” em nome de Deus<sup>38</sup>, embora sejam exemplos de religiosidade popular. A imagem do sacerdote, pastor/a ou do/a “benzedor/a” é uma imagem de alguém que “media” o mundo profano com o mundo sagrado. O sacerdote é alguém digno de confiança, sábio e que merece, além de respeito, obediência<sup>39</sup>. Essa religiosidade popular perpassa os sacramentos e as festas cristãs como Páscoa, Pentecostes e Natal e, de certa forma, tornando estas mais significativas, pois os elementos de seu cotidiano estão nestes eventos. Poderíamos dizer que através do encontro com o “sagrado”, por meio dos símbolos que servem como analogia, ocorreria o “domínio” do profano, do mal no mundo que o cerca?

Devido à grande dificuldade do pomerano em expressar sentimentos e pensamentos, localiza-se aqui um dos principais problemas enfrentados pelo povo pomerano: o alcoolismo. O alcoolismo é uma das principais causas de problemas de relacionamento, de problemas econômicos, morte precoce e, muitas vezes, suicídio, que deixa família estigmatizada por várias gerações, pois suicídio é considerado pecado mortal que conduz ao inferno. Não só a dificuldade, mas também a resistência de expressar sentimentos, traz muitas frustrações que são “afogadas” pelo uso do álcool, ou que, dão vazão aos sentimentos raivosos através de xingamentos e

---

<sup>36</sup> André DROOGERS, *Religiosidade Popular Luterana*, p. 7.

<sup>37</sup> Cf Helmar Reinhard RÖLLKE, *Descobrimo Raízes*, p. 51.

<sup>38</sup> Cf. Helmar Reinhard RÖLLKE, *Descobrimo Raízes*, p. 54.

<sup>39</sup> Cf. André DROOGERS, *Religiosidade Popular Luterana*, p. 26.

ofensas. A repressão aos sentimentos acaba por trazer infelicidade para a família toda, e até para a sociedade.

Ganham espaço na vida cotidiana as festas, pois são meios de buscar convivência social, uma vez que os trabalhos cotidianos acabam, de certa forma, isolando as famílias<sup>40</sup>. As festas de casamento, quermesses, Pencas e futebol são as principais. Destacamos, aqui, de forma especial, as festas das Sociedades de Tiro ao Alvo.

As Sociedades de Tiro ao Alvo exerceram e exercem, embora atualmente em menor escala, algumas funções importantes na estrutura social pomerana. Primeira, promove sociabilidade com as diversas pessoas da colônia e arredores; segunda, os bailes criam as oportunidades para jovens se conhecerem e constituírem família.

Nos torneios realizados pelas sociedades, os participantes classificados recebem premiação e são reconhecidos pela sua pontaria e eficiência<sup>41</sup>. Geralmente, após a realização dos torneios, sucedem-se os bailes, cheios de tradições e regras, tornando-o um baile de respeito<sup>42</sup>. Fazer parte de uma sociedade de tiro ao alvo traz mais do que sociabilidade e recreação; traz status social. É a terceira função social. Nas Sociedades, os homens podem mostrar os seus dotes e receber reconhecimento público, “ser alguém” e para as mulheres traz reconhecimento de que são damas que freqüentam bons lugares, acompanhadas por suas famílias, portanto, respeitáveis. Tinham também a rara oportunidade de vestirem-se com trajes elegantes, mostrando, assim, certa ascensão econômica.

Embora a maioria dos colonos gozasse de situação financeira razoavelmente nivelada, o fato de alguém não pertencer a uma sociedade, era motivo deste ser considerado como alguém que estava num degrau abaixo na escala social. Embora atualmente a situação sócio-econômica colonial, e também a urbana, seja outra, nota-

---

<sup>40</sup> Este fenômeno foi também constatado por André DROOGERS.

<sup>41</sup> Cf. Carlos de Souza MORAES, *O colono alemão*, p. 140.

<sup>42</sup> Cf. *Os pomeranos*, p. 49.

se que famílias que são sócias de algum tipo de clube ou sociedade, têm um ponto a mais no seu “*curriculum vitae*”, como uma virtude.

Desde o princípio da imigração alemã no Rio Grande do Sul, existiram preconceitos em relação aos imigrantes e aos seus rebentos. Os teuto-brasileiros eram bons para produzir bens de consumo, investir o seu capital nos bancos, terem títulos eleitorais, mas não para serem considerados “gente de boa classe”. O preconceito ficou tão fortemente marcado no povo rio-grandense que podemos vê-la expressa na literatura de Érico Veríssimo. O alvoroço que foi causado pelas primeiras famílias alemãs chegadas no povoado de Santa Fé, se prolongou por vários anos, o que gerou muitos ranços entre a população<sup>43</sup>.

Em Pelotas, para a “aristocracia do sebo”, os imigrantes europeus, que faziam trabalho braçal e cujas mulheres andavam a cavalo e tinham as maiores atribuições domésticas, só podiam ser considerados superiores aos negros escravos porque eram brancos<sup>44</sup>. Na região de Pelotas, talvez o que tenha contribuído, em grande parte, para uma visão errônea e preconceituosa em relação dos imigrantes e seus descendentes, foram as primeiras tentativas, frustradas, de colonização com irlandeses, que logo após terem recebido terras e incentivos, debandaram deixando as colônias completamente abandonadas e sem pagar as dívidas<sup>45</sup>. Obviamente, os pomeranos sentiam o olhar de desprezo e desconfiança dos pelotenses.

A partir dos valores da sociedade pomerana aqui arrolados, concluímos que:

- a) quem se perde no alcoolismo traz escândalo sobre a família e sociedade em geral;
- b) participar de uma sociedade, ou até de uma comunidade, traz reconhecimento público e posição social;
- c) participação nas festas é meio de manter a formação familiar;
- d) ter amizade com os vizinhos é “aumentar” a família, isto é, ter maior disposição de mão-de-obra, ânimo e apoio moral e financeiro em momentos de dificuldade;
- e) a religiosidade popular do pomerano é um meio de “ajudar” Deus a

---

<sup>43</sup> Cf Érico VERÍSSIMO, *O Tempo e o Vento*, Parte I: O Continente.

<sup>44</sup> Cf. Martin N. DREHER, *Igreja e Germanidade*, p. 39.

<sup>45</sup> Cf. Fernando OSÓRIO, *A cidade de Pelotas: Corpo, coração e razão*, p. 161.

combater o “mal” e buscar comunhão com o sagrado, muitas vezes extravasando os sentimentos através dos símbolos.

Para aqueles que não encontram lugar na sociedade pelotense e que por algum motivo se sentem excluídos da sociedade pomerana, ocorre a quebra de sentido de todos os valores até então cultivados. O mundo cai por terra. O que fazer se não se tem dinheiro para participar da sociedade de tiro ao alvo ou autoconfiança suficiente para participar desta? O que fazer quando se é só mais um numa comunidade? O que fazer quando se tem tantas perguntas? Quando se tem tantas perguntas, procura-se respostas, e onde tradicionalmente se procura respostas é na religião, já que a religiosidade tem um caráter compensatório<sup>46</sup> para o povo pomerano.

## *2 - O povo pergunta e “Deus responde”*

A versão da “minoría” (dos futuros fundadores da IEPI) nos conta que “quando o pastor Jüdler veio, como pregador convertido, [...] começou a pregar a Palavra viva, alguns despertaram, aceitaram a Jesus, se converteram e começaram a nova vida”<sup>47</sup>. A pregação do “arrependimento” continuou até que encontrou eco em Roberto Carlos Krüger (filho de Gustavo Krüger, o único que não era sócio da Sociedade de Tiro ao Alvo), que “aceitou Jesus” e “seguiu esse caminho”. O pastor Jüdler ofereceu estudos bíblicos à tarde para “uma turma de convertidos” com o objetivo de manter estes afastados dos “divertimentos do mundo”. A pregação de “arrependimento” do pastor Jüdler trouxe mais do que respostas aos “perdidos”. No novo espaço criado, as pessoas podem demonstrar os seus sentimentos sem serem consideradas fracas. No novo espaço elas têm uma opção de “divertimento” que não lhes traz nenhum tipo de incômodo ou sentimento de inferioridade. Neste novo espaço as pessoas, homens e mulheres, passam a ser irmãos/ãs e, merecem destaque

---

<sup>46</sup> Cf. André DROOGERS, *A religiosidade popular luterana*, p. 72.

<sup>47</sup> Cf. Anexo I.

como “bons cristãos”. Enquanto as atividades sociais e/ou intelectuais, levaram a uma diferenciação, a uma formação de “gueto” em meio a sociedade local, o culto integrou os que se sentiam vítimas de preconceito<sup>48</sup> e discriminação. Para Joaquim Wach, experiências religiosas comuns atuam como poderosa força de coesão que contribuem para o surgimento de sentimentos de solidariedade que unem os membros<sup>49</sup>. Agora não são mais “rostos na multidão”, mas é um grupo de pessoas amadas por Deus, salvas da vida de “perdição” e sem sentido que antes viviam. As pregações do pastor Otto Jüdler encontraram eco naqueles que procuravam respostas, conseguindo respaldo numa sociedade tradicional como a pomerana. Ele soube integrar aspectos do contexto onde a Comunidade estava inserida. Já que o povo pomerano é bastante supersticioso, ele ofereceu a fé na providência divina que protege contra todos os males, inclusive contra poderes sobrenaturais, o que o pentecostalismo oferece até hoje<sup>50</sup>. Talvez, poderíamos dizer que o pastor Jüdler começou um movimento de contracultura<sup>51</sup>, pois ele não só deu respostas como também ofereceu uma nova ordem, novos valores, trouxe um novo sentido e uma nova maneira de encarar a vida, e estes considerados legitimamente divinos.

De acordo com as correspondências mantidas entre o Sínodo, a comunidade de APII e o senhor Roberto Krüger<sup>52</sup>, as famílias convertidas não tinham a intenção de se desligar da comunidade de APII. Com o passar do tempo, pretenderam iniciar os trâmites da fundação de uma nova comunidade “sinodal”, talvez isto explique, hipoteticamente, porque a IEPI montou sua estrutura física (templo, escola, casa paroquial, salão) de acordo com as comunidades evangélico-luteranas da região. As doze famílias “convertidas” queriam continuar sob a liderança de Jüdler na nova comunidade “sinodal”, mas o Synodo Riograndense não apoiou a idéia por motivos financeiros ou por causa dos “desvios” teológicos, supomos. Após longo período sem

---

<sup>48</sup> Cf. Joaquim WACH, **Sociologia da religião**, p. 56.

<sup>49</sup> Cf. Joaquim WACH, **Sociologia da religião**, p. 51.

<sup>50</sup> Cf. Cecília L. MARIZ, **Alcoolismo, gênero e pentecostalismo**, p. 84.

<sup>51</sup> Cf. Pêrsio Santos de OLIVEIRA, **Introdução à Sociologia**, p. 98.

<sup>52</sup> Cf. Anexo IV.

resposta do Synodo e sob “catequese” do pastor Jüdler, afastam-se da comunidade mantendo as divergências com o pastor Möhle.

Das doze famílias “convertidas”, aparecem apenas sete assinaturas em uma carta ao Synodo pedindo informações sobre os trâmites de fundação de uma nova comunidade e também nos depoimentos dos entrevistados<sup>53</sup>. O que teria acontecido com as outras cinco famílias? O mais provável é que tenham permanecido na comunidade de origem. Estes não conseguiram “arrancar” tão radicalmente suas “raízes” da sociedade pomerana e cederam ao controle social<sup>54</sup> exercido pela “maioria”. Aceitaram ter um espaço menor, porém se sentindo “amparados” pela Palavra. A permanência de algumas famílias “convertidas” na comunidade de APII talvez explicaria a piedade evangelical que se desenvolveu nesta e que permanece até a atualidade, uma vez que esta tem identificação com o Movimento Encontro. Apesar desta identificação, os membros participam de festas, bailes e outros eventos sociais, alguns promovidos pela própria comunidade.

### *3 - Plantas parecidas, sim. Iguais, nunca*

A IEPI, desde cedo procurou mostrar-se diferente da sociedade local e principalmente das comunidades dos “não-convertidos”. Durante o período de Nacionalização do Estado Novo, jamais foi incomodada pelas autoridades militares, pois a igreja e escola iniciaram seus trabalhos em português. Podemos perceber isto claramente no livro Ata que foi escrito todo em português. Aparentemente o pastor Krüger era um homem muito bem informado quanto à situação política do país e procurou desde cedo, tirar melhor proveito da situação. Buscou reconhecimento da escola junto à Delegacia de Ensino e junto a outras autoridades pelotenses, conforme temos informações a partir das entrevistas. Transcreveremos a seguir parte desta:

---

<sup>53</sup> Cf Anexo I.

<sup>54</sup> Pêrsio Santos de OLIVEIRA, *Introdução à Sociologia*, p. 100.

em 40, teve então essas festas patrióticas, às vezes, lá no Bachini ou na Santa Silvana<sup>55</sup>, então o pastor Krüger levava sempre o colégio e a gente ia sempre de a cavalo e de carroça, e as carroças de alunos ia lá apresentar, marchar e cantar e...o pastor Krüger sempre tirava primeiro lugar com os alunos dele, porque tinham os tamboreiros, tinham quatro que eram muito, muito estudiosos e muito habilitados e era um prazer naquelas festas... E uma festa teve o coronel de Pelotas e aí quando nós cantávamos junto, (a juventude cantou junto com os alunos) tocamos violão...aí no fim de nós cantar o hino nacional junto com os alunos, aí o coronel disse: Encerrada esta festa com chave de ouro. [...] E isso foi uma coisa muito linda, muito, assim dizer, especial, porque quem tem fé em Jesus é uma coisa especial.<sup>56</sup>

Junto com o reconhecimento da escola consegue-se o reconhecimento da Igreja e de seus membros que mostram o seu “**patriotismo**” às “**rebeldes**” escolas e igrejas vizinhas, que estavam sendo trancadas e seus membros e pastores perseguidos, possivelmente porque estes “**não tinham fé**”. Para os membros da IEPI, a fé em Jesus se torna o diferencial, já que “**quem tem fé em Jesus zela pela ordem estabelecida**”<sup>57</sup>. De repente, a “**maioria**” de APII se torna a “**minoría**”. De acordo com o depoimento do pastor Armindo Güths, a atual IEPBPC – Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo - continua a participar de atos patrióticos na semana da pátria a convite de autoridades pelotenses<sup>58</sup>.

O pastor Krüger lecionou também em outras escolas da região e, possivelmente, adotando o sistema proselitista de ensino religioso, que os/as professores/as do governo adotavam (adotam?) em relação ao catolicismo religião oficial do Brasil, pois o seu genro, e hoje pastor, Armindo Güths, é fruto do ensino e “**pregação da Palavra**” do pastor Krüger. Muitos seguiram-no e a IEPI só cresceu.

A IEPI sempre esteve fortemente identificada com a imagem do pastor, o que não poderia ter sido diferente levando em consideração os dados já arrolados neste trabalho, logo é “**pastorcêntrica**”. Essa, não somente identifica a imagem do pastor

---

<sup>55</sup> Nomes de localidades do interior de Pelotas.

<sup>56</sup> Cf. Anexo I.

<sup>57</sup> Cf Francisco Cartaxo ROLIM, **A face conservadora do Pentecostalismo**, p.267.

<sup>58</sup> Cf. Anexo I.

como líder religioso/espiritual, mas também como líder temporal, uma vez que o pastor Krüger acumulou por um longo período (cerca de 50 anos) os cargos de professor, diretor da escola e presidente da IEPI, algumas vezes sendo também secretário.

As pregações do pastor Krüger segundo depoimentos, “eram emocionantes”, “inspiradas pelo Espírito Santo”, o que fez com que a IEPI se estendesse até a colônia Santa Silvana e Cerrito Alegre “salvando pessoas que estavam perdidas na bebida e na jogatina” e que tinham “famílias arrasadas”. Aqui percebemos o trabalho de missão entre aqueles, que como os primeiros “convertidos”, estavam à margem da sociedade local. Através da pregação e da aceitação, a IEPI trouxe dignidade e o sentimento de decência e auto-estima às famílias que sofriam com o alcoolismo.<sup>59</sup>

#### *4 - Relações com os “galhos” vizinhos*

Desde o princípio, o relacionamento com os vizinhos foi difícil. De acordo com os depoimentos, os “outros”, as pessoas que não se converteram, debocharam, perseguiram “os que aceitaram Jesus”, fizeram ameaças, tentaram impedir que continuassem “sua obra”, que construíssem o templo da igreja, ataçaram as crianças contra as crianças dos “santos”<sup>60</sup> e lhe impuseram títulos como, dito, “os santos” e “os Krüger”, referindo-se ao pastor Krüger. A “maioria” desenvolveu um modo de controle social “alternativo”, pois a partir do momento que as ameaças de exclusão não surtiram efeito, estes partiram para a violência verbal, intimidação física e desmoralização. Quando não se compreende algo, se destrói. Das nomeações citadas, a que perdura até os dias atuais é “Krüger”, e este, entre os pomeranos, em Pelotas, tornou-se o sinônimo para pessoas participantes de igrejas pentecostais.

Da parte dos “outros”, a “queixa” principal é que sua fé e sua cultura são desprezados. Muitos que aderiram à fé pentecostal romperam com a família. Os

---

<sup>59</sup> Cf. Cecília L. MARIZ, *Alcoolismo, gênero e pentecostalismo*, p. 84.

<sup>60</sup> Cf. Anexo I.

“outros” dizem que os “Krüger” sempre tentam “converter” as pessoas em qualquer oportunidade, pois parece “só a fé dos Krüger é a fé verdadeira”.

Quando questionados a respeito do relacionamento atual com a vizinhança a princípio dizem que é bom, mas no decorrer da conversa, “os Krüger” respondem: “Hoje os jovens não sabem mais o que aconteceu [...] eles<sup>61</sup> nos convidam e dizem que é tudo igual, não é tudo igual(..)Nós vivemos na Palavra e eles crêem na Palavra e não vivem, então essa diferença ficou até o dia de hoje [...]”<sup>62</sup>.

Interessante notar que os “Krüger” mantêm uma postura de forte oposição e intolerância à comunidade de APII e as suas atividades. Pensam serem capazes de converter muitos dos seus membros e que só não o fazem por causa de “certas pessoas que não deixam a luz brilhar”, que policiam os membros de APII. Percebem-se, também, como outros pentecostais, como superiores<sup>63</sup> e que têm muito a ensinar. Nunca falam em fazer intercâmbio de conhecimentos, o que talvez afirme mais ainda a sensação de desconforto dos “outros” em relação aos “Krüger”.

Muitas são as mágoas que estão escondidas e sufocadas entre estes dois grupos. Podemos perceber em depoimentos de ambas as partes que o relacionamento entre “os Krüger” e os “outros”, é basicamente restrito à esfera social e, de certa forma, superficial, longe de um entendimento ou trabalho ecumênico. Afinal de contas, são 65 anos de ranços que continuam “a latejar”.

*5 - IEPI uma planta brasileira com enxerto germânico ou uma planta germânica com enxerto brasileiro?*

Os membros da atual IEPBPC de AP demonstram profundo conservadorismo, embora digam o contrário. Exemplo disso, percebemos nos

---

<sup>61</sup> Aqui, leia-se as comunidades vizinhas, especialmente AP II.

<sup>62</sup> Cf. Anexo I.

<sup>63</sup> Cf. Cecília L. MARIZ, *Alcoolismo, gênero e pentecostalismo*, p .85.

depoimentos de fusão das igrejas e dos fatos consecutivos. O pastor ao ser questionado a este respeito, diz o seguinte:

[...] continuou o mesmo, a mesma Palavra do Evangelho, o principal objetivo é a pregação do Evangelho, o Arrependimento [...] Mudou pouco nos louvores, né, tinha muito mais louvores em alemão coisa, só que não se canta mais em alemão [...] mudou os Cânticos, né, até com palmas hoje [...] agora o Evangelho continua aí desde de 36 o mesmo.<sup>64</sup>

Apesar de estarem ligados a uma convenção nacional e terem concordância em vários aspectos teológicos, mantém seus traços próprios e sua compreensão de Evangelho. Enquanto a IEPBPC tem um cunho milenarista, crendo no arrebatamento da igreja e na Nova Jerusalém e demonstrando um ecumenismo mais amplo do que o ecumenismo entre pentecostais, é interessante ressaltar os traços do MR existentes na, atual, IEPBPC de Arroio do Padre. Percebemos, estes traços, nos depoimentos dos membros desta igreja, principalmente, as algumas características deste movimento, citados anteriormente, por exemplo: pregação do Evangelho do arrependimento; luta contra o alcoolismo, festas, prostituição; reavivamento da fé cristã muitas vezes “quietista”, adormecida e caráter interconfessional; o pastor Krüger fazia evangelizações públicas ao lado de pastores pentecostais de Pelotas<sup>65</sup>.

Sem esquecer das questões relativas à fusão das duas igrejas, trazemos o êxodo de membros em direção à zona urbana (Pelotas) como um outro fator que demonstra conservadorismo. Chegamos a esta conclusão a partir de questionamentos aos membros da IEOBPC de AP. Perguntamos se estes membros emigrados freqüentam a IEPOBC em Pelotas, obtivemos a seguinte resposta: “No começo eles freqüentavam, mas eles não se sentiam muito bem, por que estavam acostumados com o pastor Krüger, então falaram com o pastor [...] para fazer um ponto de pregação e ele disse que não tinha problema, então surgiu um ponto de pregação na avenida Assis Brasil, em Pelotas”. Por que não se sentiam bem? “Porque estes jovens

---

<sup>64</sup> Cf. Anexo I.

<sup>65</sup> Cf. Anexo I.

louvam diferente (na IEPOBC de Pelotas), botam muito esse rock, não é louvor como tem que ser”. Os membros migrados do interior, não se sentiam bem frente as novas formas de louvar a Deus.

Poderíamos localizar, aqui, resquícios de um ponto comum na concepção de culto, como as que encontramos em nossas comunidades tradicionais pomeranas? Para o pomerano, o culto, além de ponto de encontro e meio de integração, é o momento de receber preceitos éticos do pastor<sup>66</sup> e se este culto contém algum elemento que deixa o povo pouco a vontade, este, então, perde boa parte de sua validade.

Concluimos, neste capítulo que a IEPI, atual IEPBPC de AP, apesar da ruptura com os principais valores culturais pomeranos, manteve muitas concepções de culto, de estrutura eclesial e de ministério pastoral da Igreja Luterana. Constatamos isto na medida em que observamos as edificações do espaço físico, idênticas à maioria das edificações das comunidades evangélico-luteranas vizinhas, os conceitos de culto vistos no parágrafo anterior, a forma “pastorcêntrica”.

Pudemos perceber também, que, apesar da cultura pomerana possuir uma religiosidade muito rica em simbolismo, ela também é “autodestrutiva”, pois sua estrutura fechada abre espaço, por exemplo, para o alcoolismo e todo o sofrimento dele decorrente, estigmas e crises existenciais, que sempre são parte da vida do ser humano. Estas crises, conseqüentemente, abrem espaço para expressões religiosas que dão oportunidade à expressão de sentimentos reprimidos. Por isso, pensamos que a resposta da pergunta inicial do capítulo seja: A IEPI, no contexto geral de seu surgimento, foi ou é uma planta germânica com enxertos brasileiros.

---

<sup>66</sup> Cf. André DROOGERS, *A religiosidade popular luterana*, p. 46.

### III – A semente germinou. E agora?

Na tentativa de compreender os precedentes ignorados do pentecostalismo na IECLB, vimos na primeira parte alguns traços históricos que vieram a influenciar a teologia da dela, através da atuação de um de seus primeiros pastores no Synodo Riograndense, e as rupturas sociais e confessionais provocadas por sua influência, resultando na IEPI. Na segunda parte, traçamos uma breve análise sociológica do episódio de surgimento da IEPI, tendo como pano de fundo os principais personagens e a sua cultura. Agora, pretendemos refletir a relevância do surgimento da IEPI para o desenvolvimento social e religioso das pessoas da região de Arroio do Padre e Pelotas, bem como traçar algumas perspectivas de atuação da IECLB neste meio, no qual se estabeleceu desde 1936 um “pluralismo religioso”. Algumas das propostas de atuação estão contidas no PAMI (Plano de Ação Missionária da IECLB) e que consideramos muito adequadas, se forem levadas em consideração na referida região.

#### *1 - Os frutos trazidos pela fé*

Se, por um lado, os teuto-brasileiros de Pelotas tinham em certa medida barrada a participação política ativa, por outro, não faziam questão de participar da vida pública desta região. A partir disto, lançamos a seguinte hipótese: A participação da IEPI nos atos cívicos, demonstrando interesse em participar da vida política de Pelotas, foi a abertura para a participação dos teuto-brasileiros pomeranos na política. Os membros da IEPI foram os precursores em buscar o reconhecimento da sociedade pelotense, logo os “outros” não podiam permanecer em segundo plano. Com este sentimento, iniciou-se efetivamente a participação dos pomeranos na política através da disputa de cargos públicos como sub- prefeito nos distritos ou como vereadores em Pelotas.

A eclesiologia também sofreu mudanças significativas, que permaneceram até os dias atuais. Neste sentido merecem destaque os aspectos como a função do

pastor, o papel da confessionalidade e a religiosidade “subliminar” existente nas comunidades da IECLB da região.

Muitas das comunidades da IECLB, no interior do município de Pelotas tiveram sua origem nas Comunidades Livres ou “Freigemeinde”. Algumas dessas comunidades mantiveram as tradições do povo pomerano. Ser foco cultural de resistência é um das principais características das comunidades livres. Neste sentido, a maior parte delas nunca se filiou a nenhuma “igreja oficial”, possivelmente, por receio de perder sua “independência”. Contudo, entendemos que a igreja livre também sofreu influências do episódio do surgimento da IEPI. Já dissemos acima que o pastor tem um papel preponderante entre os pomeranos; é uma figura de poder e até de intermediação entre o sagrado e o profano. Porém em algumas comunidades livres percebemos que este papel do pastor foi praticamente esquecido, pois é visto como um empregado ou um prestador de serviços. Baseamo-nos nos fatos de que: a) o pastor recebe por ofício realizado, e b) por ocasião do culto com Santa Ceia é feita uma das raras coletas, a qual é destinada ao pastor. Na medida em que os membros participam da Ceia, estes deixam algum dinheiro para o pastor. O pastor tem muito pouca voz e vez na comunidade. De uma forma, também hipotética, atribuímos esta mudança no papel do pastor ao fato de que foi através da atuação de um pastor que houve o cisma em APII. Este fato permaneceu na memória das pessoas da região, mesmo que de forma inconsciente.

A confessionalidade “evangélica” ou “protestante”, que é como geralmente os pomeranos e teuto-brasileiros se declaram, é meio de identificação do povo teuto-brasileiro. Declarar-se de outra confissão, estabelece, mesmo que inconscientemente, uma barreira entre os interlocutores. Entre os pomeranos, a confessionalidade evangélico-luterana é um valor cultural tão importante quanto o batismo de infantes, a confirmação, a família ou os ritos. Não ser evangélico é trair a “raça”. Neste sentido podemos, talvez, compreender o motivo das pessoas da região procurarem os “cultos

de aflição”<sup>67</sup> clandestinamente, pois evitam o julgamento alheio. Se as igrejas evangélico- luteranas são valor cultural, porque as pessoas procuram outras igrejas ou movimentos religiosos? O mercado religioso é vasto e a oferta é grande, inclusive, atingindo as mais isoladas localidades. Pensamos que uma possível resposta a respeito do sucesso das outras opções religiosas esteja na utilização da linguagem mítica tão conhecida entre os pomeranos, e que por tantas vezes foi reprimida pela Igreja. A linguagem utilizada destaca a ação demoníaca sobre a vida das pessoas, feitiços que precisam ser quebrados, quebranto, mal-olhado, entre tantas outras coisas. Naturalmente, outros fatores que atraem são: a) promessa de resolução dos problemas familiares, financeiros e de saúde e b) um culto em que as pessoas podem viver afetividade, uma vez que não se tem muita vivência da mesma entre os pomeranos na família ou na comunidade de fé. A expressão corporal assume papel poimênico entre os que procuram outras ofertas religiosas. Claro que alguém que procura outra confissão religiosa e não se desliga da “confissão oficial”, trará algum tipo de influência para dentro de sua comunidade, como compreensão de vida, morte, ressurreição (ou reencarnação), ação de Deus e assim por diante. Neste sentido, muitas vezes, a confessionalidade é relegada a um segundo plano surgindo uma religiosidade paralela, com uma linguagem própria e subliminar na comunidade.

## *2 - Como cuidar da plantação? Perspectivas de atuação da IECLB na região de Pelotas*

Como vimos no tópico anterior, andamos no campo das hipóteses e trouxemos algumas impressões colhidas, ao longo de um considerável tempo, a respeito das mudanças ocorridas na região de Pelotas após o surgimento da IEPI. Queremos, num segundo momento, traçar algumas perspectivas de atuação para a

---

<sup>67</sup> Este termo “cultos de aflição” é utilizado pela médica Cristina Pozzi Redko, no seu artigo “**Alguns idiomas religiosos de aflição no Brasil**”, se referindo aos cultos pentecostais que oferecem curas milagrosas às diversas enfermidades que assolam as pessoas no Brasil.

IECLB neste contexto diversificado De forma especial, nos dedicaremos a propostas de atuação, com vistas a tornar as comunidades da IECLB melhor contextualizadas e abertas aos novos tempos sem cair na tentação de tornar-se pentecostal ou neopentecostal, na expectativa de fazer sucesso e conquistar membresia.

Temos observado que muito se teme feito no Sínodo Sul-Rio-Grandense para tornar a igreja, na região, mais ativa. Consideramos muito positivas as iniciativas de unir as famílias, como, por exemplo, ocorreu no dia da Igreja de 1999, quando as famílias acamparam em São Lourenço do Sul. Contudo, apresentaremos a seguir algumas propostas que merecem ser destacadas e ampliadas para a área de atuação do sínodo.

## 2.1 Primeira proposta: *participação*

Tornar os cultos e os grupos mais atrativos através de estudos temáticos, liturgias envolventes e alegres e que promovam participação ativa dos membros, porém sempre visando a confessionalidade evangélico-luterana, pensando *o que promove a Cristo*.

## 2.2 Segunda proposta: *formação*

Investir de forma bem especial na formação, isto é, em estudos bíblicos, seminários bíblicos para líderes, seminários e palestras sobre confessionalidade evangélico-luterana e seus pontos principais e palestras e seminários de esclarecimento sobre outras confissões religiosas. Tudo isso, visando que, com a formação os membros da IECLB estejam mais preparados e possam mais facilmente defender-se de ser, talvez, explorados por algum líder religioso mal intencionado, e é claro buscar uma igreja cada vez mais evangélica, no sentido de viver comunidade.

## 2.3 Terceira proposta: *família*

Infelizmente, os tempos modernos muito contribuíram para uma triste realidade que nos cerca: a falta de tempo para a família. A família ao longo do tempo foi sendo colocada como um valor secundário, porém a sua importância real nunca se tornou secundária. A partir desta constatação e também do conhecimento da cultura pomerana, em que a família é um valor importante, mas que muitas vezes é problemática devido a sua estruturação hierárquica e, não raro, desprovida de demonstrações afetivas tanto entre cônjuges como entre pais e filhos, desenvolvemos uma proposta em que são valorizadas as relações familiares e os laços afetivos. Consideramos que o grupo de casais já é um trabalho muito difundido no Sínodo e com certeza muitos bons frutos tem-se colhido a partir deste trabalho. Lançamos, agora, proposta de, também, desenvolver um trabalho com grupos de famílias. Estes seriam formados por famílias nucleares (ou todos os que moram nas casas) e estariam abertos a todos os que quisessem participar, independentemente de confissão religiosa. Poderiam encontrar-se casas (ou como melhor for possível) e fariam estudos bíblicos, discutindo assuntos da atualidade e outros que são motivos de interesse do grupo. Tais atividades não perderiam de vista a perspectiva de tratar possíveis conflitos, fortalecer laços e desenvolver relacionamentos com outras famílias.

## 2.4 Quarta proposta: *saúde*

Acima constatamos que a saúde também é uma possível razão para os pomeranos teuto-brasileiros procurarem outras propostas do mercado religioso em constante ascensão. Levando este ponto em consideração, pensamos em vários aspectos da saúde que poderiam ser tratados em comunidade, a saber: a saúde física, mental, emocional e social.

No que diz respeito à saúde física, poderíamos pensar em uma pastoral da saúde que contaria com uma farmácia caseira e cursos sobre alimentação natural, amamentação, qualidade de vida, prevenção de doenças, fitoterapia, entre outros.

No âmbito da saúde mental, consideramos ser profundamente relevante a existência de grupos de apoio a pessoas que passam por situações conflitantes como depressão, alcoolismo, dependência química ou outros traumas. Estes grupos seriam formados a partir de líderes da comunidade devidamente capacitados na área poimênica e teriam a participação de psicólogos ou médicos, conforme a necessidade ou possibilidade.

Em terceiro lugar, porém não menos importante, para cuidarmos da saúde emocional e social, começariamos grupos de apoio à enlutados/as, singulares (pessoas solteiras, viúvas ou divorciadas), grupos de mulheres (que não seria a OASE), grupos de familiares de dependentes químicos e alcoólatras e cursos de preparação matrimonial com palestras sobre sexualidade, relacionamentos, filhos, etc. Estes grupos tratariam de seus interesses específicos, suas dúvidas, venturas, desventuras ou outros que venham a surgir no decorrer do tempo.

Nestes grupos as pessoas teriam espaço para conversarem e se ouvirem, o que, muitas vezes, é o que falta para superar dores e curar as feridas. A comunidade seria, assim, uma comunidade terapêutica.

Tomamos estes aspectos para serem tratados neste capítulo por considerarmos estes de suma importância para a região em questão, uma vez que nossos membros são predominantemente descendentes de pomeranos e estes possuem traços próprios de sua cultura, alguns deles já arrolados anteriormente. Compreendemos que se tratarmos da saúde mental, física, emocional e social e se investirmos na formação e nas famílias estaremos dando um grande passo para evitarmos que os nossos membros se deixem levar por promessas de falsos profetas, milagreiros, curandeiros, líderes de cultos não cristãos e poderemos, ainda, evitar

que entrem no submundo do crime, das drogas e prostituição. Investindo em alguns desses itens poderemos evitar, não só, perdermos membros para outras expressões religiosas, mas também de nos tornarmos uma igreja vazia na sua mensagem, que prega uma teologia da glória ou da prosperidade, que vive um “oba-oba” e que, por fim, se torna pagã, pois esqueceu toda a mensagem cristã de apoio e solidariedade. A mensagem que não só dá o peixe assado e servido, mas ensina a pescar. Evitaremos nos tornar uma igreja que esqueceu que o Evangelho é libertador e não negociador, é unificador, conciliador e não prima pelo cisma. Mensagem evangélica é a que promove vida digna, a que *promove a Cristo*, e, neste sentido, concordamos com o pastor Nelson Weingärtner em seu artigo *O desafio do pluralismo interno*, no Jornal O Caminho de Novembro último:

O desafio do momento parece ser o de encontrar estruturas eclesiais capazes de viabilizar a convivência fraterna e a cooperação missionária entre diferentes movimentos, linhas teológicas e formas de espiritualidade da IECLB. Da resposta a este desafio depende em muito o crescimento quantitativo e qualitativo da IECLB.<sup>68</sup>

## CONCLUSÃO

Em vista do que temos analisado até momento, pretendemos expor a seguir algumas conclusões a respeito da condução deste trabalho. Em um primeiro momento queremos compartilhar algumas descobertas, de suma importância, feitas no âmbito histórico. Contudo, queremos destacar a escassez de material histórico do antigo Synodo Riogandense em língua portuguesa.

Queremos destacar inicialmente que a primeira igreja pentecostal a utilizar a palavra “pentecostal” no seu nome foi a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo, fundada por Manoel de Melo no ano de 1955 em São Paulo. Descobrimos em nossos estudos, porém, que na verdade a primeira igreja brasileira com a presença da

---

<sup>68</sup> Cf. Nelson WEINGÄRTNER, *O desafio do pluralismo interno*, p. 2.

palavra “pentecostal” no seu nome foi a Igreja Evangélica Pentecostal Independente, localizada em Arroio do Padre II, interior de Pelotas, fundada oficialmente no primeiro dia de julho de 1936.

Uma segunda descoberta a ser registrada englobam dois fatores que contribuíram para a difusão da fé pentecostal no interior de Pelotas e, no decorrer dos anos, em meio aos pomeranos e teuto-brasileiros na referida região. Constatamos que o “sopro” pentecostal penetrou no antigo Synodo Riograndense, no interior da região sul, através do pastor Otto Jüdler, um seguidor tardio do Movimento de Reaviramento alemão e, que defendia uma linha teológica voltada para a vivência de uma fé bíblica e pouco confessional. Acreditamos que a escassez de pastores acentuada no pós-guerra propiciou uma maior despreocupação com as referências do pastor ou menos ainda com a confessionalidade evangélico-luterana, auxiliando, assim, a penetração de outras teologias. Consta-nos, ainda, que por ocasião do cisma em AP II, o diálogo entre as partes envolvidas existiu de forma superficial e tendenciosa. Tendenciosa porque a intenção era extinguir as discussões, e superficial porque não resolveu os desentendimentos, mas ocorreu o cisma da comunidade de APII como provocou diversos ranços e competições, uma vez que a real intenção da IAPI era permanecer no Synodo Riograndense.

A partir dessas descobertas, concluímos que a fé pentecostal encontrou respaldo entre os evangélicos-luteranos de APII por dois motivos principais: o sacerdócio geral de todos os crentes foi relegado a um plano secundário, dando lugar ao “pastorcentrismo”, e a estrutura da sociedade pomerana com seus ritos e linguagem mítica.

A fundação da IEPI por agricultor comum abre a chance, pelo menos no imaginário popular, de que qualquer um pode ser pastor ou presbítero, funções tão importantes na comunidade e que muitas vezes são barradas ao povo simples, mesmo que depois a IEPI tenha se mostrado “pastorcêntrica”. Como a “filha” ser diferente se a “mãe” já era assim?

A sociedade pomerana com suas regras rígidas de comportamento, principalmente em relação ao controle de demonstrações de afetividade, abre uma lacuna que precisa ser preenchida para um número cada vez maior de pessoas de forma urgente. Essa urgência, podemos perceber no sucesso que linhas evangélicas da IECLB e igrejas pentecostais e neopentecostais estão fazendo na região. A linguagem mítica, os símbolos, costumes, ritos, carência afetiva e alcoolismo contribuem para os pomeranos abraçarem a fé pentecostal. As igrejas pentecostais e neopentecostais constantemente renovam seu aparato de símbolos, como, por exemplo, chaves para abrir caminhos, sal abençoado, corrente de oração com uma finalidade específica, oração feita através dos meios de comunicação em que a pessoa interessada coloca um copo d'água ao lado do aparelho, unção de óleos abençoados, entre outros, jogando a culpa dos males que acontecem para um outro plano, para a ação demoníaca ou de pessoas que fizeram simpatias ou feitiços pra prejudicar os inimigos. As igrejas pentecostais e neopentecostais confirmam as crenças dos pomeranos ao contrário das igrejas evangélico-luteranas que negam e, às vezes, até reprimem ao invés de tentar trabalhar essas questões de forma adequada, perdendo muitas oportunidades de crescimento cultural e comunitário. Negando a validade da cultura pomerana, estamos contribuindo para a sua destruição e aumentando as possibilidades de ocorrerem crises de sentido e todo o sofrimento dele decorrente.

Consideramos que, conhecendo o povo da região de Pelotas, para manter a membresia e fazer missão na IECLB, não é necessário se adequar ao mercado religioso utilizando os métodos dos movimentos pentecostais e neopentecostais que prometem exorcizar a ação demoníaca, tirando toda a responsabilidade do sujeito que peca e comete erros, a fim de alcançar prosperidade financeira. A IECLB tem uma qualidade muito importante que precisa sempre de novo ser retomada, que é ser igreja evangélica, isto é, ser igreja que prega e prima viver o Evangelho de Jesus Cristo. É tal concepção que faz dela uma proposta diferenciada. Se a IECLB se adequar ao mercado religioso para manter membros, ela perde seu caráter.

No sentido citado acima, concluímos nosso trabalho reforçando as propostas do terceiro capítulo. Consideramos ser de suma importância investir na retomada da confessionalidade evangélico-luterana, incluindo, é claro, o sacerdócio geral de todos os crentes. É preciso definir e afirmar a nossa identidade, afinal no mundo secular ninguém é considerado alguém se não possui um registro de identidade. Tornando a vida comunitária mais “viva” e atrativa, procurando sempre promover inclusão e participação de todos, a igreja se mantém fiel ao Evangelho. Ao contrário, ao se adequar ao “grande mercado religioso” inevitavelmente cairá na tentação, que muitas igrejas históricas já caíram, que é a instrumentalização de Deus, exigindo milagres e bênçãos, o que torna a igreja uma instituição de negociação, um banco, uma entidade até pagã.

O grande “xeque-mate” que a IECLB e outras igrejas históricas podem dar no competitivo “mercado religioso” é serem mais cristãs e menos “micos imitadores”, pois imitar as igrejas pentecostais e neopentecostais tem trazido muitas discussões, confusão, acusações e muito sofrimento, e tudo em nome da fé. Cabe perguntar, aqui, fé em quem ou em quê? Não nos esqueçamos que fé em Jesus Cristo promove vida e vida em abundância. O critério apontado por Lutero para reconhecer o que é válido para a vida dos cristãos é: **o que promove a Cristo.**

## Referências

- BRAKEMEIER, Gottfried. *IECLB no século XXI: perfil e proposta*, 2001. (Folheto)
- \_\_\_\_\_. Um novo modo de ser IECLB? *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, n. 34, 1994, p. 47-63.
- COSWIG, Alfredo. *Crônica Histórica de Arroio do Padre II*. Pelotas: Comunidade Evangélica de Arroio do Padre II, 1995.
- DREHER, Martin N. *A Igreja no Mundo Medieval*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- DROOGERS, André. *Religiosidade Popular Luterana*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1984.
- IECLB, *IECLB no pluralismo religioso*. Porto Alegre: IECLB, 2000. (Caderno 2)

# Protestantismo em Revista

Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia  
Volume 01, jan.-dez. de 2002 – ISSN 1678 6408

---

Manifesto da Comunhão Martim Lutero ao manifesto *Que igreja queremos?* Blumenau: Otto Kuhr, 2001. (Folheto)

MARIZ, Cecília L. Alcoolismo, gênero e pentecostalismo. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, ano 16, n. 3, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *Os Pomeranos: Valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul e São Lourenço*. Pelotas: Editora Universitária, 1995.

MORAES, Carlos de Souza. *O colono Alemão: uma experiência vitoriosa a partir de São Leopoldo*: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

MÜLLER, Telmo Lauro. A Nacionalização e a Escola Teuto- Brasileira Evangélica. In: *Nacionalização e Imigração Alemã*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1994, p. 65-74.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

OSÓRIO, Fernando. *A cidade de Pelotas*. Corpo, Coração e razão. Pelotas: Diário Popular, 1922.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *RS: A economia e o poder nos anos 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

*Que igreja queremos?* Movimento Encontrão, 2001. (Folheto)

REDKO, Cristina Pozzi. *Alguns idiomas religiosos de aflição no Brasil*. Disponível na Internet: <http://www.Polbr.med.br>.

ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969, v. 2.

RODEMBUSCH, Rodrigo Severo. *Argumentos do ódio, o jornalismo alemão no RS nas décadas de 30 e 40*. Disponível na Internet: <http://www.ufrgs.br/necom/mono/monorodrigorodembusch>. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

ROLIM, Francisco Cartaxo. A face conservadora do pentecostalismo. *Revista de cultura*. Petrópolis, ano 83 , n. 6, 1989.

RÖLKE, Helmar Reinhard. *Descobrendo Raízes*. Aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia. Vitória: UFES- Secretaria de Produção e difusão cultural, 1996.

VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento: O Continente*. 8. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1957, v 1.

WACH, Joaquim. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.

WACHOLZ, Wilhelm. *Atravessem e ajudem-nos. "A atuação da comunidade de Barmen" e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul. São Leopoldo: IEPG, 1999. (Tese de Doutorado)*

WEINGÄRTNER, Nelso. O desafio do pluralismo interno. *Jornal O Caminho*, Ano XVIII, n. 11, 2001.

[www.diariopopular.com.br](http://www.diariopopular.com.br)

[www.iepbc.com.br](http://www.iepbc.com.br)

## Anexo 1

ENTREVISTAS REALIZADAS EM FEVEREIRO DE 2001, NA LOCALIDADE DE ARROIO DO PADRE, COM MEMBROS DA ANTIGA IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL INDEPENDENTE, ATUAL IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL O BRASIL PARA CRISTO.

Para uma melhor compreensão, desenvolvemos pequenos códigos para identificar os personagens do diálogo: E: entrevistadora; S: senhora; P: pastor, M: "mutter"

E: COMO FOI A QUESTÃO DO "RACHA" EM ARROIO DO PADRE?

S: Mas eu falo em brasileiro?

E: Sim, em português.

S: Quando o pastor Jüdler veio como pregador pelo sinodal e começou a pregar a Palavra viva até aí um certo ponto uns despertaram, aceitaram a Jesus, se converteram e começaram a nova vida. E ele seguiu pregando até um dia o pastor Krüger disse: "eu vou dar testemunho por que aceitei Jesus e quero seguir esse caminho". Aí outros foram despertando. E, isso, aos poucos foi causando incômodo aos outros que não queriam seguir Jesus, que não queriam aceitar.

E: E isso foi lá no ano de 34?

S: Mais ou menos por ali, e aí o pastor Jüdler viu que uma nova turma ia se formar de convertidos e ele ofereceu estudos bíblicos. Aí então domingos à tarde em vez de eles irem para os divertimentos do mundo, eles foram para o estudo bíblico. E isto incomodou os outros. Como eles tavam<sup>69</sup> já planejando, iniciando uma nova igreja, eles<sup>70</sup> contribuíram pra igreja. E aí eles disseram: "Não, enquanto que está nesta igreja velha, nós vamos permitir que assistir os cultos, mas na igreja nova eles não vão entrar". Eles não queriam isso. Aí foi que ao ponto de eles disseram: "Não, se vocês não deixar deste caminho, não vão deixar desta atitude, nós vamos excluir vocês". E como o pastor Krüger estava na

---

<sup>69</sup> Aqui a senhora entrevistada refere-se aos membros da Comunidade Evangélica de Arroio do Padre II.

<sup>70</sup> Neste ponto, esta, refere-se aos "convertidos".

frente e até queriam que ele desistisse, aí ele disse: “Não eu não vou desistir de seguir a Jesus, mas eu vou seguir, nem que eu saia fora, nem que me tirem fora”.

E: Ele era uma pessoa participativa?

S: Participativa sim.

P: Ele não era pastor na época, ele era um agricultor, ele era membro associado.

S: Eles até faziam parte, esta turma toda que saiu, até faziam parte do coral e então eles tinham medo que o coral ia se dividir, e aí ameaçaram, ameaçaram o pastor Krüger pra ele desistir, ele disse que não, até certo ponto, visitaram ele e disseram: “ Tu tá excluído”. Ele disse: “Não, eu sei, mas voltar atrás eu não volto, de Jesus eu não deixo”. Aí os outros resolveram dar suas assinaturas e saíram excluídos como ele mesmo também.

M: Sete membros.

S: É foram sete... e estes, então se viram obrigados a começar sozinhos. Dali que repartiu. Foi por causa da fé e a última reunião que eles fizeram, foi como de costume, eles tinham sempre as reuniões da sociedade escolar. Eles entraram, assim em contenda com que eles não queriam que eles continuassem lá da maneira como estavam agindo e aí pediram que o pastor Jüdler viesse e decidisse e dissesse alguma coisa. E até certo sujeito estava armado e ele foi impedido por outro membro daqueles que saíram dele não usar a arma. E quando chamaram o Jüdler, ele entrou, chegou até a porta, abriu os braços e disse: “Que vocês querem comigo? Aqui eu estou”. Isto foi um abalo muito grande, eles baixaram a cabeça e ninguém se animou de tirar e nem dizer nada.

E: Eles esperavam que o pastor Jüdler ainda reagisse e até trouxesse estas pessoas convertidas...

S: Talvez para o lado deles. E isto ali então foi a divisão maior a luta foi ali, uma batalha.

E: E aí depois que surgiu esta divisão o que foi que aconteceu?

S: Aí eles se dividiram, não foram mais lá e até tinham dado contribuição da construção da nova igreja, eles não perguntaram, deixaram aquilo lá e começaram a fazer reuniões nas casas. Às vezes, na casa de um irmão, às vezes , na casa de outro, até que em 38 eles começaram a construir aqui. Mas até lá, tinha um irmão muito doente, o Fernando Mackedanz, ele estava com osteomielite, já há muito ele sofreu desde os treze anos. Tinha aquela doença ele estava mal, aí ele dizia: “Olha eu sei que vou morrer, mas eu não quero ficar com os injustos, com os incrédulos e zombadores, e quero estar perto de vocês no cemitério junto à igreja de vocês”. Foi que tiveram que abrir aqui o cemitério. Não tinha nada registrado, não tinha nada pronto, mas enterraram ele. Foi que surgiu outra confusão, por que eles queriam desenterrar ele, mas aquele tempo tinha o que eles chamavam de capitão, o sub- prefeito Carlos Penno, ele também foi um crente, da Santa Silvana e ele consentiu a permissão de fazer o cemitério e isto mais tarde causou pra ele grande prejuízo e até ele foi transferido, ali por que eles tinham tanta coisa contra ele até que deram falso testemunho que estava nos bailes dançando e isto naquela época não podia ser, ele pagou muito caro, por isso, perdeu o cargo. Por que defender estes crentes e depois foi transferido e depois que eles tinham aqui fundado a igreja e o colégio passou para cá, que antes era ali na casa da família, nos Krüger, com sete alunos começaram em 38 a construir a igreja aí foi a escola e igreja junto. Que depois em 39 eu vim pra cá, e em 40, não podia mais a igreja e colégio no mesmo prédio. Aí nas férias construíram o colégio, foi de chalé, e nas férias construíram para ter o colégio ali. Assim, as leis foram

apertando e eles foram lutando, foram vencendo. E a construção não foi fácil, por eles fizeram tijolo, fizeram as lenhas, cortaram os fundamentos tudo eles fizeram trabalhando aqui sozinho. E assim aos pouquinhos os membros foram chegando, convertendo um, convertendo outro e a igreja foi aumentando.

E: E a igreja ficou com qual nome?

S: Igreja Evangélica Pentecostal Independente, isto com este nome. E a escola ficou com o nome de Escola Evangélica Pentecostal.

P: Não. Rio Branco.

S: Ah! Escola Rio Branco, Escola Particular Rio Branco. É. E agora isto foi 38, 39, 40 e dali foi seguindo o pastor Krüger sempre como pastor e professor até se aposentar, trabalhou.

E: E, assim, como é que foi os vizinhos que não eram convertidos, as outras pessoas que não eram convertidas como é que ficou a convivência com essas pessoas?

S: Foi muito difícil, porque nós que éramos alunos até fomos, na estrada, atacados por eles, zombados e...e também na igreja a gente não se convivia, não ficou de mal com eles, mas eles ficaram assim separado, ficou uma separação e uma certa inimizade por causa da fé e o tempo que eles tavam indo na escola pra estudos bíblicos, os que passavam pra lá eles (os pentecostais) chegavam nas festas deles (os "outros" ) e tinham que passar pelo pátio do salão da venda, então eles levantavam a garrafa de cerveja e diziam: " Aqui vai pro céu"...

M: Em alemão, Wieder zu Himmel (risos).

S: ...E assim foi, mas foi uma luta que se levou muitos anos, sendo que até o dia de hoje (murmúrios), ah a igreja queriam, não queriam deixar construir e um disse: "Não, eu por minha pessoa não vou permitir que vão construir igreja", e outro disse: "Não, nós vamos quebrar todas as telhas do telhado", o outro "Não nós vamos quebrar todas as vidraças da igreja". Mas nada foi quebrado, porque onde Deus guardou, e foi muito interessante isto aí.

E: E essa, como é que foi, desfiles patrióticos vocês faziam também?

S: Em 40, teve, então, sempre estas festas patrióticas, às vezes, lá no Bachini, Santa Silvana, então o pastor Krüger levava sempre o colégio e a gente sempre ia de a cavalo, de carroça e as carroças de alunos ia sempre lá apresentar, marchar e cantar e o pastor Krüger sempre tirava primeiro lugar com os alunos dele, porque tinham os tamboreiros, tinham quatro muito, muito estudiosos e muito habilitados e era um prazer naquelas festas, e uma festa tava o coronel de Pelotas e ai quando nós cantávamos junto a juventude, cantou junto com os alunos, tocamos violão, aí no fim de nós cantar o hino junto com os alunos, aí o coronel disse: "Encerrada esta festa com chave de ouro"(risos) E isto foi uma coisa muito linda, muito assim dizer, especial. Porque quem tem Jesus, é uma coisa especial.

M: É verdade.

S: Aí não tem o que temer, então foi muito maravilhoso isso aí.

E: Como é a convivência hoje com outras igrejas ou que não tem fé, como é isto?

S: Ah hoje já mudou. Eles nos convidam, eles vêm aqui, porque os filhos de hoje não sabem, a maior parte não sabe o que se deu aqui. Creio que os pais não contaram porque a gente ouve de vez em quando uns perguntam e não sabem porque houve essa divisão, o quê

que tinha. Agora, daqueles que lutaram com nós que tem a minha idade ou até mais idade, o que nos atacavam na estrada e no colégio e zombavam, queriam dar na cara, as sacolas com os livros tudo, olha foi aquela luta. Olha zombavam abertamente, mas no decorrer dos anos foram vendo que a obra foi perseverando, perseverando e eles desistiram e então diziam: “Ó vem com nós, porque é tudo igual”. Não, não é tudo igual. A fé, a Palavra de Deus é a mesma, mas não o jeito que a gente crê e vive. Nós vivemos na Palavra e eles crêem na Palavra e não vivem, então essa diferença ficou até o dia de hoje a juventude de hoje não conhece como que foi e o que nós temos de diferente que eles, porque os pais não devem ter contado.

P: É e há uma certa divisão, assim da parte que a gente nota que nas festa mesmo que eles realizam não nos convidam, então, procuram deixar nós de lado. Que se convidarem eles têm que dar uma oportunidade pra uma conjunto, nós participava com o coral. O pastor tinha uma palavra, né. Então eles temem que eu possa deixar uma palavra e o povo pegar outro rumo, né, então eu tenho amigos que são muito do lado da igreja e gostariam de viver assim e mesmo que estivessem (...) mas tem certas figuras entre nós que só cuida a gente, se a gente vai ou não . É a dificuldade de eles ficarem ainda meio isolados. E certas pessoas que não deixam a luz brilhar, deixa meio abafado (...) se hoje alguém lá aceitar Jesus mesmo ele é excluído. Há pouco tempo teve um cara que ele aceitou e tiraram ele do coral e tudo. Então tem muita gente que se agente for lá pregar o Evangelho não vai Ter muita diferença do tempo do Jüdler, vai Ter gente aceitando e vai dar racha n a comunidade. Está se vendo que eles têm medo disso aí. Então não vêm convidar. Ontem tinha festa na Oliveira (...) Aí nós não atendemos porque nós temos nosso programa. Tem nosso conjunto, tem nossos cantores, temos banda na igreja. Então nós temos uma programação e fazer uma festa (...) então eles têm um medo e então não mandam convite.

S: E se eles não convidam pra nós ter participação se não ter nada pra levar lá, pra mostrar e pra falar daquilo que a gente tem não adianta ir porque as outras coisas tudo eles tem, então tem essa diferença . Se vocês convidam pra nós poder participar nós vamos, então cabe só um pedacinho de fé no culto na parte da manhã e de tarde é aquela vida né.

P: É uma mistura né, é a Palavra de Deus e depois é aquela mistura (...) pra nós que conhecemos a bíblia não nos interessa nós leva nosso povo e a nossa juventude pra lá, pra só assistir. Eu acho que a gente está perdendo tempo né. Se nos convidar pode ser católico, pode ser espírita, pra levar o conjunto e fazer o programa, então nós estamos lá, pode ser em salão de baile, nós estamos lá. No salão Centenário, na rádio nós fizemos ao vivo programa lá...

S: Mas é programa produzido daqui.

E: e a banda toca programa religioso?

P: Hinos do hinário, só isso aí Banda Evangélica Acordes Celestes, quando vem um grupo aqui ou uma festa maior, então a igreja de Pelotas junta e manda. Tem ido pra Santa Maria, Tramandaí. Essa banda tem sido convidada pra Cachoeira do Sul, esses lugares todos assim pra tocar.

S: só serve à igreja, também ela traz quando tem um movimento ali ou uma promoção.

P: Semana da Pátria nós fomos convidados e fomos juntos quando era o Dr. Augusto de Moraes, presidente da liga de defesa nacional, nos convidava seguido pra participar e fazia parte...

- E: Eu já tive oportunidade de ir a festas de comunidade e ver pessoas que são membros da IEPOBPC, como é visto quando um membro vai pra festas, participa, anda por lá, toma café, como é visto isso pela comunidade?
- P: Olha, se vai e não participa das coisas isso é bom. Às vezes tem um amigo que vai lá e convida. Agora tem aqueles que não gostam de participar, mas isso sai fora do sistema e da vida mesmo.
- S: Porque se a gente vai, encontra os conhecidos, pelo menos eu, quando vou em uma comunidade, mas eu procuro evangelizar as pessoas antes das pessoas vir conversar, porque se a pessoa dá o início e a gente tem oportunidade, a gente vai evangelizar a pessoa e acho eu que isso nunca é em vão. Sempre que a pessoa fica do lado da luz e não se mistura com as trevas, pode ir onde quiser. Se eu posso ser uma bênção para outro, então eu vou. Agora pra concordar com as coisas das trevas que eles tem, não.
- E: Como é que a IEPI se juntou a IEPOBPC, quando foi e como foi que surgiu essa oportunidade?
- S: O pastor Krüger há muito tempo falava que, ele sempre dizia; “Enquanto eu puder eu não quero me unir com outras, porque os costumes, às vezes, são diferentes. Mas convidaram, quando aqui, em Pelotas, tava o pastor Moacir. O Moacir e ele se ligaram muito, então, às vezes, eles vinham aqui e nós íamos lá, mas isso foi mais depois por obrigação, porque ele não podia mais dirigir a Igreja. Ele fez nós nos ligar a uma convenção porque ele tinha medo de a igreja não poder continuar. Uma hora o genro dele era pastor e tudo e o pastor Nelson vinha aqui. Mas ele não tava satisfeito, ele dizia: Nós temos que nos ligar a uma convenção para depois não deixar morrer essa obra, então foi mais por ali.
- P: É a convenção nós ligamos a convenção foi em 83, em 17 de abril de 1983. Então houve a fusão, então tamos ligados, continuou pentecostal, só foi colocado o slogan “O Brasil Para Cristo”, que em 87 depois duma convenção nacional em São Paulo, foi então feita esta ata, tirada as aspas, que ficou o nome registrado O Brasil Para Cristo, agora não é mais um slogan, mas é Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo, o nome registrado desde 87, o nome registrado. Assim o trabalho foi já em 58, 59, 60, já se trabalhava junto com Olavo Gumes, que vinha aqui, o pastor Krüger ia lá para Porto Alegre, às vezes, ficava uma semana lá pra municípios próximos ali de Porto Alegre (...) ficavam lá pra em conjunto evangelizar. Trabalhavam junto, embora que era independente. Era pentecostal e um reconhecia trabalho do outro. Até que em 83 depois fizemos a fusão e pertencemos agora a obra do conselho nacional e também da congregação estadual.
- E: E, assim, do que o pastor Krüger começou o trabalho, que ele começou o jeito de viver a fé, de celebrar os cultos, ficou diferente quando ocorreu a fusão com a Igreja O Brasil Para Cristo?
- P: Não, continuou o mesmo né, a mesma Palavra, o evangelho. Mudou um pouco no jeito dos louvores na época do Krüger se cantava muito em alemão nos cultos, depois começou vir essa gente mais nova e aí mudou cânticos, ma só Evangelho continua igual, porque não pode mudar. Pode mudar costumes, pode mudar a maneira de louvar a Deus, de se expressar com pandeiros e com música. Há tempos tinha um coral de trombones, depois parou e depois quando nós assumimos, achei eles e mandei consertar pra fazer uma banda nova. Falei com o presidente da banda de Pelotas pra juntar a turma. Vieram aqui dar umas aulas e fomos encaminhando, começou a banda de novo. Hoje tem órgão, tem bateria, tem tudo.

S: No tempo do pastor Krüger tinha coro misto depois morreram alguns fundadores e ficou muitos anos sem. Agora, nos anos que eu comecei, tinha coro de duas vozes e agora já tem de quatro vozes de novo. Depois que entraram mitos analfabetos é que se começou mais com os corinhos, porque já pra aprender de cor os hinos, não consegue ler, mudou muito nessa parte.

P: Hoje tem coral das irmãs, tem coral misto, conjunto dos jovens, tem banda, tem orquestra.  
S: Na orquestra, éramos oito, depois que a outra se dividiu, ficamos nós três, depois foi pra quatro com violão, acordeon e violino.

E: Quando e porque aconteceu essa divisão com o Ministério da Última Hora? Como aconteceu?

S: Isso foi quando o pastor Krüger não podia mais dirigir e tomar conta de tudo. Então quem veio aqui ajudar foi o pastor Nelson, e o pastor Krüger dizia: “Meu sucessor vai ser meu genro”. E uma turma queria que fosse o pastor Nelson. E o pastor Krüger não aceitava que o pastor Nelson entrasse aqui. O pastor Krüger dizia: “ Olha apoiem o pastor Armindo, que eu vejo que ele foi mandado por Deus aqui e não outro pastor”. Então eu disse pra turma: “Nós temos que batalhar, porque isso foi uma profecia”, então uma tarde eu disse: “Se o pastor Nelson assumir nós vamos sair”. E a comissão disse que isso não interessava, que a comunidade tinha que continuar, mesmo sendo poucos tinha que segurar o que tinha, porque se ficasse o pastor Nelson o que nós íamos fazer se a vontade de Deus foi essa, tinha que segurar. Daí foi tudo arrebitado e eles começaram a trabalhar lá.

E: E lá é mesmo tipo de pregação que aqui ou lá é diferente?

S: Não, só mudou de nome e isso não é de Deus, porque se a gente ganha um jardim pra cuidar não pode abandonar, tudo tem que conservar e ele sai da Igreja O Brasil Para Cristo, que era dele.

P: E além dessa parte melindrosa, pregaram o Evangelho. A igreja hoje possui um convênio com o governo do estado, o projeto MOVA de alfabetização, isso é gratuito.

S: Isso na década de 40 já tinha isso. Chamavam de aula noturna.

P: Aquilo foi porque antes era ensino em alemão e aí pra aperfeiçoar os jovens na linguagem portuguesa, então se dava aula noturna pra quem não sabia português, porque era proibido falar em alemão e quem não sabia português tinha que ir pra escola.

S: Em 42 com aquela perseguição, lá no passo dos Müller onde estava o nosso colégio. Os policiais perseguiram uma mulher que falou em alemão.

P: Eu me lembro que quando era pequeno os policiais vinham a cavalo com sabres e invadiam as casas e destruíram todo material que tinha em alemão.

S: Os livros em alemão que tinha, foi tudo escondido ou perdido. Eram caixas que ninguém mais achou.

E: E aqui na igreja? Algum policial veio assistir o culto pra ver se era em alemão?

S: Isso nunca aconteceu. Eles já tinham escondido tudo e o pastor Krüger pegou material em alemão e traduziu para o português também pro pessoal parar de debochar de nós.

P: Esse início foi muito difícil. Sempre há perseguições, mas hoje as pessoas vêm que não

dá pra desmanchar ou derrubar como no início. As pessoas que vão contra aquilo que é de Deus não conseguem ter sucesso.

S: Hoje em dia se alguém fala em sair, se manifesta alguma coisa de entrar na nossa igreja, mesmo que nunca tenham dado valor pra essa família, eles enchem a cabeça dela pra ela não se converter. Até o pai ou mãe dizem que preferem ver os filhos na sarjeta do que junto com os santos da pentecostal. É uma guerra declarada contra a Palavra de Deus, preferem ver o filho perdido do que salvo por Jesus. Parece tudo calmo até alguém querer se converter. Tem gente com nós que não evangeliza por puro medo do que os outros vão fazer com eles, mas vai chegar a hora. Muitos vão sair das outras igrejas porque são proibidos, quanta gente podia viver mais feliz e salvos se não fosse esse preconceito. Mas a verdadeira salvação e conversão sabe quem tem, e eles não sabem porque se soubessem não iam proibir, porque ter a paz e a alegria que vem direto de Jesus é... eu não troco por nada desse mundo.

E: A senhora nasceu já aqui na igreja pentecostal?

S2: É porque a mãe era daqui e o pai veio comigo. A vida tem sentido quando é vivida pela verdade, mas quando é vivida pela fé deste mundo não traz recompensa.

E: Como são os nomes de vocês?

S: Hilda Hatfeld.

S2: Hilma Liske.

P: Pastor Armino Güths, genro do pastor Krüger, o fundador da obra pentecostal.

E: O senhor nasceu na igreja pentecostal ou se converteu?

P: Espiritualmente eu nasci pentecostal, mas de carne e sangue eu sou do sétimo distrito, onde o pastor Krüger dava aula e culto. Lá eu conheci o Evangelho e em 1964 eu fui consagrado como presbítero e em 1978 eu fui consagrado pastor, mas aí eu fiquei como co-pastor do pastor Krüger, eu assumi aqui em 1975 como presidente e pastor.

S: Ele dava aula aqui de tarde, ia lá para a colônia Municipal e ainda em São Manoel. Primeiro era a Irene Bublitz.

E: A igreja pentecostal tem ramificações no Cerrito, né?

P: Temos congregações no Cerrito Alegre, em São Lourenço em Colônia Dois Irmãos e também em Pelotas, perto do Aeroporto.

S: As pessoas que foram daqui para lá queriam freqüentar a igreja do pastor Moacir, mas os costumes eram daqui e eles não se sentiram bem. Então pediram que o pastor Moacir deixasse o pastor Krüger ir lá dar culto pra eles e o pastor Moacir deixou e assim nasceu a congregação em Pelotas.

E: Porque era diferente o jeito do pastor Krüger do pastor Moacir?

S: Olha depois que a gente se acostuma com um jeito, e tu tem que mudar pra outra, fica tudo diferente, então eles preferiram ficar com o pastor Krüger.

E: Mais era a linguagem ou o jeito de agir?

S: O jeito de agir, de lidar com as pessoas.

P: Eles estavam acostumados com o pessoal daqui e lá era gente estranha e o pastor Moacir veio de Porto Alegre pra cá, e eles queriam continuar como era aqui.

# Protestantismo em Revista

Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia  
Volume 01, jan.-dez. de 2002 – ISSN 1678 6408

---

S: Eram várias famílias que se mudaram daqui pra lá.

P: Nós temos lá 40 famílias.

S: É interessante que como eu vim da Rússia com os flagelados aqui pro Brasil, eu já vim com familiares que também eram pentecostais. Não sei se saímos da Rússia pentecostais ou se foi na China, mas eu tenho certeza que éramos pentecostais, porque chegamos aqui e tinha essa igreja e seguimos nela.

E: A senhora veio com parentes pra cá?

S: Eu vim com a família Hatfelder e Fichmann, porque meu pai e minha mãe faleceram na China, eu não conheci eles , então vim junto com os parentes. Só eu e o Raimundo Liske somos dessa igreja desde o início.

## Anexo 4

### *CARTA DO PASTOR ROBERTO KRÜGER AO PRESIDENTE DO SYNODO RIOGRANDENSE*

Arroio do Padre, 18 de fevereiro de 1934.

Excelentíssimo senhor presidente,

Nosso representante Raasch concluiu na reunião em 7 de janeiro de 34 e na reunião da comunidade em 15 de fevereiro de 34, que o senhor pastor Simon dirigiu, que ele não pode ser o presidente de uma comunidade cristã. Assim, nós não mais podemos o reconhecer como tal.

Também disse o senhor Ücker que pretende ser presidente no lugar do meu pai Gustav Krüger, deu a sua opinião que a chave da nova igreja para a reunião da tarde não seria dada antecipadamente. Preferencialmente seria a nós que o senhor pastor Jüdler continuasse a servir. Ou o que vai ser se o novo pastor não puder trabalhar segundo o seu sentido? (do pastor Jüdler)

Nós devemos, para que tenhamos novamente uma comunidade que volte a antiga vida, o que nós naturalmente nunca faremos. Ao contrário, nós desejamos que outros venham a nós, nós não vamos atrás, e não nos deixamos roubar a crença e nossa paz. As bases de nossa comunidade nos remetem à Rússia. Nós vemos claramente que aqui conosco há uma luta entre cristãos e anticristãos.

A nós não resta mais nada que nos separarmos e formar uma nova comunidade. Mas nós queremos, antes de dar esse passo pedir seu conselho. Em anexo, o senhor encontra a lista de assinaturas de alguns membros que tomaram parte da reunião da tarde, e em nome daqueles eu escrevo.

Mas são ainda vários que ainda a nós pertencem, e que acham aquilo como uma grande injustiça, que queiram nos tirar o nosso presidente. Aguardando ansiosamente pela vossa abençoada resposta

Roberto Krüger